

SÓBRE ARTE

SANTIAGO, março. (Pela Pa-nair do Brasil). Uma coincidência, no mesmo domingo, em dois suplementos literários de Santiago, duas mulheres chilenas escrevem sobre dois famosos escritores espanhóis, e contam a conversa que tiveram com eles sobre pintura.

Ana Helfant estava em Lisboa fazendo estudos sobre a pintura portuguesa primitiva quando um amigo a levou a conhecer Ortega y Gasset, que estava na cidade. Viu um homem baixo, de gestos vivos e voz forte, muito cordial, que lhe falou sobre a "desumanização da arte", fazendo questão de vez em quando, de confessar que não entendia de assuntos artísticos.

"Em nosso século — disse êle — não há nem poesia, nem pintura, nem escultura, nem música, nem arquitetura... bem, arquitetura talvez haja. É errôneo pensar que uma época deve forçosamente ter a sua arte; houve épocas sem arte".

Ana pede que êle dê um exemplo, e êle cita o século XVIII, em que só houve bons artifices, mas não criadores. "Em nossa civilização ocidental, essa fonte de criação tem se renovado constantemente, (esta é uma das marcas da superioridade ocidental) e por isso atualmente pensamos que é uma obrigação ter uma arte própria, e, achamos que precisamos inventá-la. Não é que em nosso século não haja talentos; temos muitos. Para no lugar de criar um estilo, um só e único estilo do século XX, dentro do qual cada artista possa criar sua obra pessoal (como aconteceu na Renascença e no Barroco) o que acontece atualmente é que cada artista fez o "programa" de um estilo, e nenhum se interessa em desenvolvê-lo. É o caso de Apollinaire, que conheci muito, em Paris, de Picasso... de todos".

Ortega y Gasset fala depois de pífica, dizendo que, como a arte, ela está buscando algo de novo, pois "todas as fórmulas dos "ismos" caducaram. E acrescenta: "Só há duas coisas que engrandecem o homem: o sofrimento e a dúvida. São insupportáveis os que não sabem sofrer profundamente, os que não sabem duvidar; os que estão sempre seguros de possuir a verdade, a única verdade".

Dora Puelma, uma pintora, entrevistou Gregorio Marañón, que falou sobre pintura: "Minha atitude é a do homem da rua: gosto do que me emociona. Há quadros de Picasso, de Dali, de Gris, que me agradam, e outros que me desagradam. Não por pertencerem a uma tal maneira ou escola, mas porque me emocionam ou não. Dos mortos admiro especialmente Zurbarán e El Greco. Os pintores de vanguarda desejam conseguir o máximo de efeito com o mínimo de esforço. Isso é perigoso. Nenhuma obra prima foi fácil. Há um século cada escola é apenas uma reação contra a anterior. E Eugênio D'Ors já disse: o que não é tradição é plágio".

Frase que parece paradoxal, mas tem lá seu sentido.

R. B.

250